

Comunidade Ucraniana: Suas Fronteiras Étnicas e a Religião

Sandra Mara Tenchena
Mestranda em Ciências Sociais – PUC/SP

Resumo

Max Weber (1999), ao discutir as relações comunitárias étnicas, conceitua a etnicidade como algo que ultrapassa a idéia de cultura ou raça. O autor aponta para o fato de não ser conveniente procurar na posse de traços fixos a fonte da etnicidade. O conceito abordado pelo autor se mostra muito útil na investigação para a compreensão da comunidade ucraniana no Brasil, que está localizada na cidade de Prudentópolis/Pr, onde se vale de certas características para marcar sua singularidade. Nossa análise se volta para averiguar, além de outras, se essa singularidade tem sua origem num fenômeno de identidade étnica.

Palavras chave: Etnia – Religião

Abstract

Max Weber (1999) upon discussing the ethnic communitarian relations, evaluates the ethnicity as something that surpasses the idea of culture or race. The author aims to the fact of not being convenient to look for the possession of fixed lines as the source of the ethnicity. The concept presented itself, by the author, is very useful in the inquiry to the comprehension of the Ukranian Community in Brazil, on Prudentópolis city, on the state of Paraná, where the population use some of their characteristics as values to mark their singularities. Ours analysis go to the direction on investigate, beyond others enquiries, if that specifically singularity has its source in a phenomenon of ethnic identity.

Keyword: Ethnia – Religion

Introdução

No Brasil, os estudos sobre a problemática da identidade têm concentrado a atenção no debate sobre etnicidade e grupo étnico, recorrendo sobretudo à forma como determinados grupos ou indivíduos se valem de certos aspectos para marcar sua singularidade.

Ao trabalhar sobre as *Relações Comunitárias Étnicas*, Max Weber (1999) conceitua a etnicidade como algo que ultrapassa a idéia de raça ou cultura. Ele pensa esse tema a partir do foco subjetivo do senso de pertença, seja este por um tempo determinado ou permanente.

É sob as perspectivas abordadas por Weber que submeteremos este trabalho. O estudo realizado por Weber se mostra bastante útil por lançar luz sobre as questões a serem investigadas para a compreensão da comunidade ucraniana no Brasil, localizada na cidade de Prudentópolis¹, pequena cidade com perfil rural no interior do Estado do Paraná. Essa população se vale de certas características para marcar sua singularidade. Nossa análise, se volta para averiguar se a singularidade desse grupo populacional tem suas raízes num fenômeno de identidade étnica.

O Pertencimento Além dos Laços Sangüíneos

Em “Economia e Sociedade”, Max Weber consagra o capítulo sobre “Relações Comunitárias Étnicas” (1999: 267 – 277) à discussão das relações comunitárias étnicas, definindo o grupo étnico não apenas através das características raciais ou culturais, mas por meio da idéia de pertencimento subjetivamente definido, de modo temporário ou permanente, ou seja, “[...] quando é sentida subjetivamente como característica comum [...]”.(WEBER, 1999, p.267)

Ao definir o grupo étnico pela crença subjetiva numa crença comum, Weber aponta para o fato de não ser conveniente procurar na posse de traços fixos a fonte da etnicidade. Deve-se procurar na atividade de produção, manutenção e aprofundamento das diferenças, cuja objetividade não pode ser analisada independente dos significados que os indivíduos lhe atribuem no decorrer de suas relações sociais. Portanto, uma

¹ Prudentópolis localiza-se à beira da BR-373 (com acesso também pela BR-277 ao sul do município), a aproximadamente 200 km da cidade de Curitiba, Capital do Estado do Paraná. A cidade foi fundada por ucranianos e teve início em 1822, quando Firmo Mendes de Queiroz, descendente dos bandeirantes paulistas, estabeleceu morada em meio a floresta, área pouca habitada conhecida como São João do Capanema. Em homenagem ao Presidente da República, Prudente de Moraes, o lugar recebeu o nome de Prudentópolis. A população de Prudentópolis é composta em sua maioria por ucranianos e descendentes.

comunidade é definida como étnica quando essa pertença existe, ou seja, quando é sentida subjetivamente como característica comum entre seus membros.

Segundo o autor, a idéia de “descendência comum” é focal e liga-se às concepções de “disposição” e “pertença”; contudo, não há distinção fundamental a operar entre as disposições raciais e as disposições adquiridas pelo *habitus*.

Para Weber, as “disposições raciais” estão associadas à herança biológica, mas esta por si só não é capaz de dar conta das formas de organização coletiva, pois existe a união entre pessoas de descendências raciais diferentes, que partilham a crença em uma origem comum. Portanto, a “origem” ou “destino” comum estabelece um sentido de homogeneidade para os membros de uma comunidade constituída de diferentes grupos.

O sentimento de pertença, segundo Weber, desenvolve uma compreensão de diversidade cultural, ou seja, quando a “solidariedade étnica” se manifesta no confronto com os elementos estrangeiros desperta entre estes a oposição ou desprezo pelo que é diferente, dando origem ao sentido de unidade grupal no embate entre o “nós” e os “outros”. Desta forma, Weber deixa claro a importância do conceito de identidade étnica formada nas situações de contraste.

Os motivos que definem as singularidades de cada grupo, por conseqüência, demarcam as diferenças entre os grupos étnicos e são invenções que subsistem como convenções, e mudam de acordo com a situação e o momento histórico vivido.

Segundo Weber, a própria comunidade elege elementos que definem a delimitação de suas fronteiras.

Portanto, a crença na afinidade comum tem conseqüências importantes, principalmente na organização desses grupos étnicos, que Weber chamou de “comunidades políticas” voltadas para a ação, ou seja, o grupo étnico é compreendido como uma coletividade que partilha valores, costumes e uma memória comum, que nutre uma crença subjetiva numa origem, imprescindível para a definição da “comunidade de sentido”, existindo ou não laços de sangue.

A crença na afinidade de origem – seja ela objetivamente fundada ou não - pode ter conseqüências importantes particularmente para a formação de comunidades políticas. [...] Nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva. (WEBER, 1999, p. 270).

Assim, Weber retira a importância dos traços somáticos (biológicos/culturais) como fundamental para identificar um grupo étnico. Para o autor, identidade étnica é fundamentada numa construção histórica e coletiva de um sentimento que os indivíduos nutrem e que expressa uma pertença à uma procedência comum.

Com base nessas análises, objetiva-se verificar na sociedade em estudo como sua população talvez busca construir sua identidade a partir de sua experiência social coletiva de um cotidiano mantido numa atmosfera de religiosidade e tradições. Ao mesmo tempo, a hipótese desta busca, averiguar se ela está relacionada à construção da identidade étnica. Consideraremos sobretudo o seu universo simbólico e seus sistemas de significados, ordenados e exteriorizados através de representações e de práticas sociais.

Procura-se compreender os significados das tradições e seu papel social na possível construção de uma identidade étnica.

A Sociedade de Prudentópolis

A história do Brasil tem nos mostrado que a grande campanha de imigração, desencadeada em 1880, ofereceu grandes vantagens àqueles que emigravam de outros países na condição de colonos. Ao mesmo tempo, a Ucrânia, à época, passava por dificuldades impostas pelos czares da Rússia, da Ucrânia Oriental e dos senhores feudais. Nesse contexto, a campanha do governo brasileiro teve boa aceitação por parte dos ucranianos que logo emigraram para o Brasil. Assim, em 1891, cerca de 30 famílias ucranianas saíram da Galícia (Haletchena) e, no Brasil, se estabeleceram no Paraná, nas colônias à época conhecidas como Santo Inácio e Tomás Coelho. A propaganda para atrair imigrantes europeus se intensificou a tal ponto que, em 1895, muitos outros camponeses saíram da Ucrânia para o Brasil.

Segundo Burko, (1963, p. 49-50) cerca de 15.000 ucranianos entraram no Brasil entre 1895 e 1896. Entretanto, para o DEAP (Departamento do Arquivo Público do Estado do Paraná de 1870 a 1920), o número de imigrantes ucranianos que entraram no Brasil, divulgado pelo Serviço Nacional de Imigração não corresponde à verdade. Ao longo dos anos pode-se notar que muitos ucranianos, por terem vindo da Galícia, entraram no Brasil ou como austríacos ou como poloneses. Documentos² afirmam que esse equívoco baseia-se no fato que o território ucraniano, de 1795 a 1918, pertencia ao Império Austro-Húngaro e ao fato de que os poloneses, em geral, apresentavam semelhanças do tipo étnico.

Já na viagem e desembarcando no Brasil, os ucranianos perceberam que a propaganda de paraíso era enganosa, pois passaram por inúmeras privações e dificuldades.

² GUARAPUAVA. Prefeito (1927). *Relatório da Câmara Municipal*. Guarapuava: Manuscrito, 1927.

O destino desses ucranianos, segundo Pe. Valdomiro N. Burko (1963), são as regiões íngremes do norte do município de Prudentópolis-PR, à época São João de Capanena. Outros seguem para Santa Catarina, região de Iracema, hoje municípios de Itaiópolis, Papanduva e Santa Terezinha. Muitos deles descem ainda pelo rio Iguçu, chegando à região de Santa Cruz do Rio Claro - Colônia 5, Serra do Tigre, que hoje forma os municípios de Mallet, Paulo Frontin, Paula Freitas e Rio Azul. Outros vão mais além, chegando até Jangada, região que compõe hoje os municípios de União da Vitória, Porto União, General Carneiro e Cruz Machado.

Vale lembrar que, ao chegarem no Paraná, os ucranianos trouxeram pouca bagagem material, porém carregavam uma carga cultural milenar. Para além das piores adversidades que sofreram, conseguiram arranjar a sua sustentabilidade material e começaram a reavivar a sua identidade ruthena³.

Segundo dados do consulado ucraniano no Brasil, há 350.000 ucranianos e descendentes em todo o Paraná, com destaque para a cidade de Prudentópolis, cuja população é de 45.927 habitantes e cerca de 75% são ucranianos e descendentes. (IBGE, 2005)

Segundo a história dos ucranianos discutida por diversos autores, esse povo conheceu muito sofrimento imposto pelo domínio de outros povos. Desta forma, não obstante às enormes dificuldades, a condição de *liberdade* que o Brasil lhe proporcionava era motivo de extrema felicidade. Aqui todos podiam falar livremente a sua própria língua, cantar, rezar, escrever, ler, aprender, ensinar, dançar, ou seja, fazer o que antes não lhes era permitido na Ucrânia.

Dessa maneira, a vinda de missionários ucranianos para o Brasil foi de grande importância para essa cultura, pois, além de outros fatores, possibilitou a manutenção da unidade lingüística. Sendo assim, a Igreja do Rito Católico Oriental Ucraniano passou a ser um importante centro de preservação e difusão da sua cultura. Esse legado é perceptível tanto na arquitetura bizantina das próprias Igrejas, idênticas às conhecidas

³ O nome atual Ucrânia surgiu mais tarde no século XII, pois a sua denominação mais antiga era a de Rush e de seus habitantes ruthenos. Segundo Haneiko (1985), o povo ucraniano lutou para conservar o seu verdadeiro nome ligado a tradições milenares, mas, como Moscou criou de forma ardilosa uma confusão de nomes, renunciou ao seu nome histórico de Rush, adotando o de “Ucrânia-Rush”. A confusão de nomes se deu durante o reinado de Pedro I (1672-1725), e o então czar (czar) do “Principado de Moscóvia” determinou que o nome “Rússia” substituía definitivamente a primeira denominação de Moscóvia ou Estado de Moscou.

Outros nomes também designavam a Ucrânia, como “Pequena Rússia”, “Ruthênia”, nomes todos inventados pelos “colonizadores” estrangeiros, onde o idioma ucraniano era proibido por lei, principalmente por parte dos polacos.

na Ucrânia, como nas manifestações mística-religiosas que remontam a hábitos e tradições sustentados às duras penas na própria Ucrânia.

No decorrer do tempo, criaram-se clubes ucranianos. E neles, outros espaços de preservação da cultura como, por exemplo, bibliotecas, escolas, grupos de teatro e de folclore.

Entretanto, pode-se constatar que a cultura ucraniana não está presente somente em organizações como a Igreja e os clubes. Seu desdobramento é bastante intenso e atuante em muitos outros setores, especialmente no cotidiano dos lares ucranianos no Brasil.

Nesse espaço pode-se identificar vários elementos da cultura sustentados ao longo dos anos pelas diversas gerações. Persiste um conjunto de práticas que afirmam uma singularidade material e simbólica. Dentre esses, encontramos: a culinária, a decoração, a educação dos filhos, o artesanato. Esse conjunto de práticas afirma uma singularidade que, tanto material como simbolicamente, por meio da memória, permitiu a incorporação de princípios individuais e coletivos cuja referência é a Ucrânia.

Para a população da cidade de Prudentópolis, a religião e a manutenção de tradições constituem uma dimensão essencial de sua vida cotidiana. Assim, religião, língua, arquitetura, culinária, decoração, educação dos filhos, artesanato, constituem uma característica essencial daquela população e tornam-se um ritual e, ao mesmo tempo, transformam-se em uma experiência social coletiva.

Portanto, faz-se necessário perguntar: como verificar nas relações sociais dos habitantes de Prudentópolis uma configuração e apropriação de comportamentos que indicam uma identificação étnica como grupo social? Que escolhas essa população teria feito para reconstruir constantemente um passado coletivo que pudesse ser aceito e reproduzido pelas gerações do presente? Essas, em se tratando de identificação étnica, segundo Weber, têm a crença na afinidade de origem e isso pode ter conseqüências ao que ele também chamou de *comunidades políticas*, voltadas para a ação e organização dos grupos étnicos.

As Escolhas do Grupo Étnico

Ao pretender analisar a vivência de hábitos, de tradições, de rituais, faz-se necessário perceber, em matéria simbólica, como uma população considera-se um grupo; como expressa um estilo de vida a perfazer o seu cotidiano; como faz suas escolhas e como incorpora novos elementos de forma a serem aceitos pelas gerações.

Entretanto, é preciso um limite entre o conceito de cultura e o conceito de identidade étnica. Ou seja, a cultura pode existir independente da consciência identitária; por outro lado, sabe-se que a dinâmica da identidade pode até alterar ou modificar uma cultura.

Direcionando a análise para a visão de Weber, deve-se entender que as diferenças entre os grupos étnicos funcionam como invenções que se sustentam como convenções. Estas, de acordo com o tempo e as exigências do momento histórico, podem ser transformadas. Desta forma, segundo a idéia deste pensador

Assim como toda comunidade pode atuar como geradora de costumes, atua também de alguma forma, na seleção dos tipos antropológicos, concatenando a cada qualidade herdada probabilidades diversas de vida, sobrevivência e reprodução, tendo, portanto função criadora, e isto em certas circunstâncias, de modo altamente eficaz. (WEBER, 1999, p.269).

Assim, pode-se compreender o grupo étnico como uma expressão concreta coletiva que, além de partilhar valores, costumes, memória, sustenta uma crença subjetiva numa origem comum e, conforme as convenções, pode transformar e/ou alterar o legado das tradições. No entanto, é o sentido de pertencimento que lhe assegura a formação de um grupo. Portanto, pode-se entender que a identidade torna-se uma construção social. Esse entendimento não minimiza o peso que acarreta e nem significa uma astúcia que dependeria unicamente da subjetividade de sua população ou grupo social.

Ao levantar a discussão sobre as fronteiras dos grupos étnicos, Fredrick Barth adota a análise de Weber ao retomar suas principais idéias no tocante aos grupos étnicos. Para Barth, não existe a possibilidade de se apreender os grupos étnicos em matéria cultural. Pois,

Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão. (BARTH, 1998, p.195)

O centro da abordagem de Barth é o grupo e não a cultura. Diante da incapacidade de determinar o limite de uma comunidade pelos traços culturais

objetivos, torna-se fundamental a análise da forma como a diversidade étnica se articula e se mantém socialmente. A compreensão de Barth sobre grupo étnico está centrada numa ênfase relacional. Essa abordagem parece superar a problemática dos pólos do subjetivismo-objetivismo, pois, para o autor, compreender o fenômeno da identidade exige passar pela ordem das relações entre os grupos sociais. Sendo assim, o autor sustenta que: “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 1998, p.189). A etnicidade está relacionada, portanto, com processos sociais, nos quais podem ser excluídos ou incorporados princípios que irão favorecer a elaboração de significados simbólicos, no caso de uma identidade tanto coletiva como individual.

Em Prudentópolis, a vivência de um universo simbólico norteado pela dimensão da religião e das tradições ajuda as pessoas a manter suas emoções e a expressar um estilo de vida a partir de signos e valores que são ritualizados de forma individual ou coletiva. Adotando o pensamento de Barth, a dimensão da identidade parece ajudar a consolidar a relação social. A proposição, portanto, é que o significado do ritual do dia-a-dia é expresso pela reelaboração simbólica do universo regido por tradições que, do ponto de vista da população, é singular de Prudentópolis.

Essa forma de se manifestar no cotidiano reelabora um sistema de significados e mantém uma organização de trocas. Aplica-se, assim, nesse contexto o sentido de identidade como um modo de categorização que os grupos usam para organizar essas trocas.

A Religião e Tradições em Prudentópolis

A sociedade de Prudentópolis mantém um cotidiano fundado na dimensão da religião e das tradições. E as pessoas nesse domínio conquistam um espaço que lhes assegura a liberdade de reproduzir e reelaborar valores culturais de tradição da cidade. Nem mesmo uma certa descontinuidade vivida pelo deslocamento dos mais jovens para a "cidade grande" ameaça a comunidade de destituição dessas manifestações. Pelo contrário, o movimento que se dá no dia-a-dia vai sendo reelaborado para circunscrever com mais evidência o que identifica aquela população. Cria-se, a partir da religião e dos costumes e ao que a eles se refere no dia-a-dia, um deslocamento que lhes permite fundir o mundo do trabalho aos demais domínios da vida cotidiana.

A dimensão da religião e das tradições presente no meio desta população parece ser um rito de interação que permite a re-atualização de um sentido de pertencimento. O ritual de memória e de tradição da história da cidade e das pessoas e as relações do dia a dia colocam em cena o passado e o presente fundidos; condensam os tempos diversos das histórias locais; permitem reatualizar os signos que acenam para a construção de um vir-a-ser. Religião, costumes e tradições são ainda o suporte daquela cidade. Portanto, na transmissão, seja de valores, seja de formas de organização ou de instituições, o que se conserva é de fato antes reproduzido e recriado para, a preservação de identidade da população; ao que parece, para a garantia de sua possível coesão. Ali se encontram comandos coletivos e individuais que norteiam tanto o dia-a-dia como os momentos especiais.

O Processo Social e a Etnicidade

As pesquisas iniciais com a população de Prudentópolis têm mostrado que a religião e as tradições são recolocadas e reelaboradas como um sistema de significados que estabelece uma fronteira e mantém a diferença de outras populações e sociedades. Esse universo pode ser compreendido a partir da interpretação principalmente, de Weber e Barth (que adota a análise de Weber) de acordo com suas teorias sobre *comunidades éticas e grupos étnicos e suas fronteiras*, respectivamente.

Em Prudentópolis, a religião e os costumes parecem indicar um espaço que garante a liberdade de reproduzir valores simbólicos de tradição da população, cujo significado indica ter origem num sentido mítico-religioso. Essa dinâmica tradicional ressignificada marca uma diferença.

Em sua análise, Barth busca entender a composição que rege os grupos étnicos e o que põe em movimento as suas fronteiras; dessa forma, acentua os traços subjetivos que servem de suporte para os sentidos e de significados. Seu ponto de vista é que não é o isolamento de determinada comunidade que decide a diversidade cultural, ao contrário, essa diversidade se dá exatamente em meio às interações. Assim, podemos entender que o estudo sobre etnicidade está posto numa relação impregnada de um processo social.

Então, falar em etnicidade é associá-la a processos sociais. Esses processos podem excluir ou incorporar novos elementos que asseguram significados simbólicos individual ou coletivamente, e os significados equivalem à identidade.

Considerações Finais

Num primeiro momento, é possível verificar que na sociedade de Prudentópolis, paralelamente ao ritual mítico-religioso e das tradições, encontram-se problemas humanos e sócio-econômico-políticos permeando também o cotidiano de sua população. Tudo indica que o universo de tradições ali existente, interposto por uma subjetividade, ao mesmo tempo que lhe assegura a diferença como grupo, tende a criar artifícios para “minimizar ou ocultar” esta realidade.

Além disso, as tradições ali mantidas, dão à população uma característica singular e única dentro do Estado do Paraná. Se, por um lado, essas tradições são assimiladas internamente como algo muito antigo e fidedigno ao passado, por outro lado, pode-se constatar que, naquele contexto, parecem entrar num processo de construção do presente, cujo passado faz parte de algo remoto. A tendência revela que estão sendo incorporados e reelaborados novos elementos de acordo com convenções.

Segundo o pensamento de Weber, é principalmente no contato com outras sociedades, nos espaços de interação que os atributos culturais adquirem expressividade. Esses atributos são selecionados atendendo à uma demanda pública que aos poucos vai sendo validada. A religião e as tradições, manifestadas em Prudentópolis, dão a impressão de revelar uma apropriação do passado em função do presente de forma inconsciente. Suscitam crer que as gerações desta sociedade vão escolhendo e atualizando o passado no presente e, com isso, estabelecem fronteiras, mantêm limites e marcam um diferencial em relação a outras sociedades do Estado do Paraná. A dinâmica assinala que, por mais que essa população procure preservar o passado, ele parece estar sendo reconstruído. Nessa sociedade provavelmente são criadas formas que a ajudem a se perpetuar além das existências individuais.

Partindo deste princípio é que se pode supor que certos significados e bens simbólicos são escolhidos para ênfase – em Prudentópolis, as tradições e os costumes cotidianos mantidos num universo religioso – de um fenômeno de identificação étnica, conforme o debate levantado pelos autores aqui citados, principalmente Weber. A população se concentra e investe nos espaços que foram escolhidos a partir deste movimento e, de forma subjetiva, permite perceber uma certa coesão no grupo social.

Em sua análise sobre *comunidades étnicas*, Weber traz à tona o debate sobre a *relação com a comunidade política* e aí, mais uma vez, esse autor suscita o pensamento de que as “disposições da raça” não são, em si mesmas, determinantes na constituição de grupos étnicos, da etnicidade, da identidade étnica. Depara-se, mais uma vez, com a

ênfase no compartilhamento da crença de uma “origem” ou “destino” comum que institui o sentido de “homogeneidade” internamente numa comunidade e, ao mesmo tempo, o aspecto da “heterogeneidade” diante de outros grupos. (WEBER, 1999, p.269).

Assim, para Weber, a consciência étnica está “*condicionada por destinos políticos comuns e não pela ‘procedência’ [...]. Está condicionada por uma fonte muito freqüente da crença na pertinência ao mesmo grupo ‘étnico’*” (Weber, 1998:274). Entende-se, pois, que o processo da identificação étnica supõe também uma luta social e política sustentada pelo grupo de identificação.

O fenômeno da religiosidade e das tradições existente na sociedade de Prudentópolis merece uma investigação mais aprofundada nos termos das análises dos autores aqui citados. Concorde-se, porém, que a identidade étnica não existe em si mesmo. Sua existência está relacionada à outra. Ela se mantém numa interação. Pensando em termos de alteridade, há de se convir que esta mantém um diálogo permanente com a identidade, e assim, a identificação forma um conjunto com a diferenciação. Embora enfatizando mais um ou outro foco, a perspectiva dos autores citados convergem no sentido da afirmação que *o ato de identificação requer o reconhecimento nosso e do outro.*

Referências Bibliográficas

BURKO, Valdomiro. *A Imigração ucraniana no Brasil*. Curitiba. Cobrag, 1963.

HANEIKO, Valdomiro. *Em defesa de uma cultura*. Rio de Janeiro, Cobrag, 1974.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília - DF. Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras* de BARTH, Fredrik. São Paulo. Unesp, 1998.